



RESSIGNIFICANDO ESPAÇOS NA COMUNIDADE DO VIDIGAL/RJ EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO ECOLÓGICA

**REFRAMING SPACES IN THE VIDIGAL/RJ COMMUNITY:
IN SEARCH OF ECOLOGICAL EDUCATION**

Evânia de Paula Muniz;

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio);
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; ovilai@gmail.com;

Carlos Eduardo Félix da Costa (Cadu);

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio);
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; cadu@puc-rio.br;

Rafaela Lins Travassos Sarinho;

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio);
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; rafasarinho@gmail.com;

Resumo

Neste trabalho pensamos como ferramentas teórico e práticas próprias do design podem servir como meios sustentáveis para uma melhor qualidade de vida dos moradores de áreas negligenciadas pelo poder público. Observamos como os processos de ocupação de territórios ociosos da comunidade do Vidigal evidenciam como a integração entre ambiente construído e natural pode dar novos sentidos a uma comunidade, criando um senso de pertencimento e de bem-estar para a população desses territórios.

Palavras-chave: ecologia, comunidade, sustentabilidade.

Abstract

In this work, we consider how the theoretical and practical tools of design can serve as sustainable means for improving the quality of life of residents in areas neglected by the public authorities. We observed how the processes of occupying idle territories in the Vidigal community show how integrating the built and natural environments can give new meanings to a community, creating a sense of belonging and well-being for the population of these territories.

Keywords: ecology, community, sustainability.



1. INTRODUÇÃO

O ser humano é indissociável da natureza, no entanto, sua tendência a modificação dos espaços naturais alterou de forma tão significativa essa relação, que boa parte da consciência desta união necessita ser lembrada. Muitos pesquisadores, especialistas em planejamento urbano e em diversas áreas adjacentes, têm contribuído para essa discussão, articulando debates acerca dos modos de apropriação do espaço público. Questões que passam não apenas por repensar a relação do homem com o ambiente natural (florestas, parques, áreas verdes), mas pelo desenho de políticas que visam melhorar as condições de saúde, moradia e de bem-estar dos habitantes das áreas urbanas.

É nessa esteira que Jan Gehl expõe, em *Cidades para pessoas* (2013), como o planejamento urbano foi sendo desenhado na maioria das grandes capitais desde a década de 1960. O autor observa que o ritmo de crescimento nas áreas densamente povoadas se deu em meio a gestões governamentais que pouco ofereceram em termos de debate público sobre os rumos das cidades. Isso contribuiu para o desenvolvimento de modelos urbanos pautados em otimizar questões como o crescente tráfego de automóveis, buscando acomodar um novo ritmo de vida, sem levar em considerações outros aspectos. De acordo com Gehl (2013), trata-se de uma solução “de seu tempo”, que culminou em uma drástica redução dos meios de transporte hoje interpretados como limpos e sustentáveis, bem como na diminuição de áreas verdes destinadas ao passeio de pedestres e as atividades de lazer.

Por décadas, a dimensão humana tem sido um tópico do planejamento urbano esquecido e tratado a esmo, enquanto várias outras questões ganham mais força, como a acomodação do vertiginoso aumento do tráfego de automóveis, além disso, as ideologias dominantes de planejamento - em especial, o modernismo - deram baixa prioridade ao espaço público, as áreas de pedestres e ao papel do espaço urbano como local de encontro dos moradores da cidade. Por fim, gradativamente, as forças do mercado e as tendências arquitetônicas afins mudaram seu foco, saindo das inter-relações e espaços comuns da cidade para os edifícios individuais, os quais, durante o processo, tornaram-se cada vez mais isolados, autossuficientes e indiferentes (Gehl, 2013, p. 3).



É inevitável associar esse modelo de planejamento urbano – que felizmente vem sofrendo modificações em algumas capitais, graças a aderência pública ao debate – à uma significativa redução na qualidade de vida das populações. Soma-se a isso, um aumento, nos últimos dez anos, no número de catástrofes naturais: vê-se uma série de desastres geológicos, terremotos, erosões, inundações devido às chuvas cada vez mais intensas e imprevistas, começarem a fazer parte do cotidiano das populações espalhadas pelo mundo. Como indica Latour (2020), trata-se de um período de insegurança, mudança e de ressignificação, que solicita a articulação de estratégias criativas a partir de um envolvimento entre disciplinas, práticas e condutas. Uma aliança que aos poucos deixa de lado um modelo “racionalista”, pautado no progresso, promovendo uma abertura ao fazimento de novas alianças: nesses termos, homem e animal, natureza e espaço, devem ser colocados não mais em ponto de discordância, mas em posição de igualdade.

Mas, como observa o autor, há uma série de obstáculos nessa proposição. A experiência vivenciada nos anos da pandemia de COVID-19, escancarou muitos entraves: vimos uma série de forças em disputa falharem na tentativa de desenhar soluções globais para a crise sanitária, competindo por pontos de vistas acerca da melhor resposta às adversidades. Discursos, ferramentas, crenças e tecnologias são alguns dos componentes que fizeram parte deste ambiente, atuando no estacionamento de soluções em larga escala para uma questão grave e urgente.

Atento aos empasses atrelados ao desenho de modelos globais de atuação frente aos desafios da contemporaneidade, este trabalho se filia a pesquisadores como Acosta (2016), Krenak (2020), Wilson (1986), Latour (2020), reconhecendo a necessidade de uma melhor integração entre população, planejamento urbano e área verde. Buscando o agenciamento de micropolíticas que não esperam por “soluções universais”, esta pesquisa procura mobilizar pequenos territórios, negociando localmente soluções para os seus problemas. Nas linhas a seguir, este processo será observado a partir de um conjunto de intervenções realizados nos espaços ociosos da comunidade do Vidigal, localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Na criação de hortas públicas e no estímulo a práticas artísticas no território, procurou-se fomentar reflexões e ressignificar o espaço urbano ocupado, promovendo políticas de educação ambiental.



Na articulação das ferramentas propostas por Kellert (2015) – que serão mais bem exploradas no tópico a seguir –, nos utilizamos das premissas do *Design Biofílico* nos espaços construídos da comunidade, buscando a identificação de meios sustentáveis para uma melhor qualidade de vida dos moradores de áreas negligenciadas pelo poder público. Isso passa por um processo de ocupação dos territórios ociosos: as ações já realizadas em espaços do Vidigal – que abrangem a sede da *Ong Horizonte*, residências de moradores locais e uma área na encosta do Vidigal –, tornam evidentes como a integração entre ambiente construído e natural pode dar novos sentidos a uma comunidade, criando também um senso de pertencimento e de bem-estar para a população desses territórios.

2. DESIGN BIOFÍLICO, UMA BREVE APROXIMAÇÃO

Nesta seção adentramos a temática do *Design Biofílico*, uma concepção que busca a integração de elementos naturais, adicionando atributos da biodiversidade aos espaços urbanos construídos. O termo cunhado pelo teórico e designer Stephen Kellert, em colaboração com a arquiteta Elisabeth F. Calabrese, em *The practice of Biophilic Design* (2015), vem ganhando força no debate público, fomentando soluções para as grandes metrópoles a partir da construção de espaços que possam estimular uma maior relação humano/natureza. Nos termos dos autores, “O design biofílico busca criar um bom habitat para as pessoas, como um organismo biológico no ambiente construído moderno que promova a saúde, a forma física e o bem-estar das pessoas” (Kellert e Calabrese, 2015, p. 6).

Para compreender as premissas do *Design Biofílico*, é essencial a articulação da noção de *Biofilia*, um termo que combina *Bio* (vida) e *filia* (amor): “Amor à vida”. Há nessa aliança, uma atenção ao “bem viver”, engendrando modos de vida sustentáveis e equilibrados, entendendo que uma combinação entre humano e natureza pode trazer inúmeros benefícios para a vida da população. “O design biofílico procura satisfazer as adaptações inerentes à natureza no ambiente construído moderno e, ao fazê-lo, melhorar a saúde e a aptidão física e mental das pessoas” (Ibidem, p, 21).

Atendo a essa base, o biólogo Edward Wilson, em seu livro *Biofilia* (1986) – obra ganhadora de dois prêmios Pulitzer –, recorre a aspectos históricos da formação das



sociedades, resgatando modelos de civilização em que o homem se entendia como natureza, obtendo vantagens em seu modo de vida. Segundo o autor, as grandes civilizações se assentaram próximo ao curso dos rios, canais e florestas, integrando-se a biodiversidade para alavancar suas vivências: são muitas as imagens históricas que nos mostram sociedades que rapidamente progrediram a partir de práticas como a pesca, transporte nos rios, plantios, favorecidos pelas cheias que fertilizavam os solos, entre outros.

Mas o que se viu desde os primeiros processos de industrialização e modernização, foi um distanciamento das populações do ambiente natural, facilitado pelos novos aparatos tecnológicos, e pelos valores de racionalidade e autossustentação difundidos desde então. Esse modelo moderno, longe de se apresentar como uma verdade absoluta, vem sofrendo duras críticas por muitos teóricos contemporâneos, que categorizam essa forma de organização de vida como insustentável. As catástrofes ambientais, os desastres ecológicos vêm dando caldo ao debate, sendo apresentados como provas de que o modelo moderno não mais se sustenta, se fazendo necessário repensar este modo de vida.

Assim, observamos na esteira desses autores, que urge a necessidade de se discutir a importância de um planejamento focado na criação de ambientes urbanos integrados, que ligam o natural ao construído. Nesses termos, inferimos que as ferramentas conceituais do *Design Biofílico* podem proporcionar ambientes mais saudáveis e inspiradores para as pessoas que tem pouco acesso a áreas verdes e ambientes naturais.

A alteração dos sistemas naturais ocorre inevitavelmente como resultado da grande construção de edifícios e do desenvolvimento. [...] A questão não é se a mudança ecológica ocorre, mas sim se o resultado líquido ao longo do termo será um ambiente natural mais produtivo e resiliente, medido por indicadores como níveis de diversidade biológica, biomassa, ciclagem de nutrientes, regulação hidrológica, decomposição, polinização e outros serviços ecossistêmicos essenciais. A aplicação do *design biofílico* pode alterar as condições ambientais de um edifício ou paisagem a curto prazo, devendo apoiar uma comunidade natural ecologicamente robusta e sustentável (KELLERT e CALABRESE, 2015, p. 8, tradução nossa).

Também no âmbito dessa abordagem, observamos que as experiências bem-sucedidas em comunidades periféricas, tais como as realizadas por Alberto Acosta,



ativista e político equatoriano, expostas na obra *O Bem Viver* (2016), podem promover uma ressignificação de espaços de comunidade como a do Vidigal. Trata-se de “um caminho alternativo, [...] que busca a harmonia com a natureza, a reciprocidade e a solidariedade entre os indivíduos e comunidades” (Jacques, 2020, p. 106). O projeto político de Acosta fomentou a construção de políticas da vida em ambientes de escassez: uma mediação entre bases políticas e ecológicas propiciou a construção de novos modos de socialização em espaços empobrecidos. Assim, parques, jardins e hortas, elaboradas pelas mãos da própria comunidade, se transformam em possibilidade. Em Acosta, observamos que a solidariedade como mola propulsora, propicia o redesenho de espaços, dando vida ao que parecia inativo, acabado.

O Bem Viver, conceito apresentado por Alberto Acosta, refere-se a vida em pequena escala, sustentável e equilibrada, como meio necessário para garantir dignidade a todos e a própria sobrevivência da espécie humana e do planeta. Ainda, tem-se que o *Bem Viver* se expressa na articulação política da vida, no fortalecimento de relações comunitárias e solidárias, assembleias circulares, espaços comuns de sociabilização, parques, jardins e hortas urbanas, cooperativas de produção e consumo consciente, comércio justo, trabalho colaborativo e nas mais diversas formas do viver coletivo, com diversidade e respeito ao próximo (Ibidem, p. 112).

É na esteira de Acosta que Fernanda Pernes (2019), pesquisadora, designer e ambientalista, explora em sua dissertação de mestrado intitulada *Design de serviços para inovação social e sustentabilidade: um estudo sobre as hortas comunitárias no Rio de Janeiro* (2019), o impacto das hortas no ambiente urbano mais pobre. A autora observa como uma integração ecológica nesses ambientes faz crescer um sentimento de pertencimento e de bem comum à comunidade. Nesses termos, ela afirma que:

As hortas urbanas fazem parte hoje deste movimento que busca uma reconexão do homem com a sua própria natureza, seja próximo dos alimentos ou de semelhantes que realizem com ele a parceria de uma vida mais humana e sustentável (PERNES, 2019, p. 32).

O líder indígena e pensador Ailton Krenak (2020) também percebe como os movimentos da agroecologia e da permacultura adicionam agenciamentos micropolíticos aos territórios, rapidamente acionando uma conversão do espaço urbano desolado a um ambiente de vida renovada. Assim, a perspectiva apresentada por Krenak indica a



necessidade de uma promoção de transformações na mentalidade coletiva, buscando o estabelecimento de vínculos mais profundos e harmônicos entre sociedade urbana e natureza, redefinindo a forma como interagimos com o ambiente em nossas cidades.

O tempo passou, as pessoas se concentraram em metrópoles e o planeta virou um paliteiro. Mas agora, de dentro do concreto, surge essa utopia de transformar o cemitério urbano em vida. A agrofloresta e a permacultura mostram aos povos da floresta que existem pessoas nas cidades viabilizando novas alianças, sem aquela ideia de campo de um lado e cidade do outro (KRENAK, 2020, p.15).

Soma-se a esses autores, a contribuição de outros pesquisadores para este trabalho, são alguns deles: o geógrafo Tuan Yi-fu e suas ideias expressas em *Espaço e lugar* (1983), que diz respeito a ativação da experiência sensorial, para que se conheça as possibilidades efetivas de um determinado local. Victor Papanek, em *Design para o mundo real* (1971), que enfatiza a responsabilidade profissional na criação de projetos, destacando a importância de se repensar os ciclos dos produtos, tornados rapidamente obsoletos e ineficazes. O teórico e designer Ezio Manzini, que em *Design para a inovação social e sustentabilidade* (2008), ressalta o potencial das comunidades em resolver seus problemas localmente, e a importância do estabelecimento do apoio técnico de grandes atores econômicos para a realização de ações em nível local. Por fim, Rita Couto, pesquisadora e professora da PUC-Rio, que em *Eco visões projetuais* (2017), observa a viabilidade de se obter um diferencial significativo no projeto por meio da articulação de parcerias entre diversos atores sociais.

3. ALGUNS DOS MUITOS PASSOS A SEGUIR

Após a exploração das bases teóricas que norteiam esse trabalho em construção, faz-se necessário um passeio pelas experiências de campo já realizadas na comunidade do Vidigal, executadas em muitas etapas. O que segue nas linhas a seguir faz parte de uma mistura de relato de campo, com dados coletados ao longo do contato com a população local. O trabalho se inicia em 10 de agosto de 2021, dia em que realizamos uma oficina de plantio na *Ong Horizonte*, organização social da comunidade, com a presença de mais de trinta moradores do Vidigal. No início, muitas delas pensaram se tratar de uma ação para



distribuição de cestas básicas. Quando esclarecemos nossos objetos, qual seja, a realização de uma oficina de hortas urbanas, alguns participantes se mostraram desinteressados. Observamos que, ainda imersos no contexto da pandemia de COVID-19, a maioria dessas pessoas, por estarem desempregadas, dependiam de cestas básicas para alimentação. Este era o cenário que encontramos em 2021: eram tempos sombrios, de dores, dúvidas e de muita pressa. Porém, mesmo com entraves e incertezas, a diretoria da *Ong Horizonte* apoiou a nossa ideia, nos concedendo autonomia para o prosseguimento das atividades.

Em um esforço coletivo, foram organizados mutirões com a participação de diversos voluntários, com o intuito de melhorar espaços públicos e privados da comunidade. Primeiro realizamos uma série de ações na Ong, que objetivavam sua melhoria. Esse foi um momento bonito de vivenciar e de assistir: nos momentos finais dessas primeiras ações, celebramos os avanços com um almoço compartilhado, no intuito de agradecer o apoio recebido. Este era também um modo de investir, desenhar e fortalecer laços.



Figuras 1, 2 – Mutirão para organização na *Ong Horizonte*, Rua Padre Ítalo Coelho 22, Vidigal/RJ
Fonte: Acervo Evânia de Paula - (2021)





Figura 3, 4 - Antes e depois do canteiro na entrada da Ong Horizonte; Bianca Pagano e Marcelo Coutinho.
Fonte: Acervo Evânia de Paula - (2021)

Ao final do primeiro encontro foi sugerido por uma das participantes, a implantação de hortas caseiras nas residências dos moradores que se mostrassem interessados. Intitulamos o projeto de *Horta em Casa* e retornamos então a comunidade no dia 24 de agosto de 2021 para iniciar o trabalho: a primeira casa beneficiada foi a da moradora que havia sugerido a construção das hortas nos ambientes residenciais (figuras 5 e 6).



Figuras 5, 6 – Encontro Horta em casa: Rua Ana Maria Noronha, 10, Vidigal/RJ
Fonte: Acervo pessoal (2021)

Nesse encontro pudemos contribuir com terra, sementes e mudas. Os recipientes ficaram por conta da moradora. Plantamos pimenta, manjeriço e chicória. O segundo encontro ocorreu em 14 de setembro de 2021, onde o participante preferiu implementar uma jardineira de proteção em sua casa: para isso, utilizamos a Espada de São Jorge. Nesse encontro contamos com o auxílio de quatro moradores locais (figuras 7,8).



Figuras 7, 8 – Encontro Horta em casa – Avenida Niemeyer, 228/2, Vidigal/RJ
Fonte: Acervo pessoal (2021)

No terceiro encontro, que aconteceu no dia 28 de setembro de 2021, desenhamos uma entrada na casa de uma outra participante, utilizamos vasos já existente no local para a inserção da planta decorativa Singônio. Também reaproveitamos garrafas pet para criar vasos de irrigação, que serviram como um sistema capilar. Nestes vasos em pet, foram plantadas mudas de cebolinha (figuras 9, 10). Nesse encontro contamos com o auxílio de três moradores locais.



Figuras 9,10 – Encontro Horta em casa : Avenida Niemeyer, 228/1, Vidigal/RJ
Fonte: Acervo pessoal (2021)

Em abril de 2022, fomos convidados a participar do *Comunidade Recicla*, um projeto do Governo do Estado do Rio de Janeiro que realiza a limpeza das encostas da orla da zona sul da cidade. Sempre às terças-feiras, das 9 às 12h, atuávamos desenvolvendo estratégias para transformar estes espaços negligenciados em locais de geração de valor. Plantando, distribuimos mudas e sementes, construímos lugares mais agradáveis. Essa



iniciativa se deu a partir de uma aliança entre participantes que já faziam parte do *Comunidade Recicla* e novos voluntários, que aos poucos apareciam para somar força ao projeto. Aos poucos, observamos que esse tipo de iniciativa vinha se desdobrando na comunidade: vimos uma maior conscientização tomar conta do território, ao mesmo tempo em que a informação acerca da importância da preservação do meio ambiente ia se espalhando, alterando a percepção da população local.

Durante o mês de abril de 2023, implementamos uma sementeira de cano PVC em um espaço ocioso da comunidade. Os canos foram pintados de amarelo, para contrastar com o cenário natural (o azul do mar e o verde da pequena mata local), trazendo mais beleza para o espaço. Nesse local foram oferecidas também oficinas de plantio ministradas pela professora Evânia de Paula. Flávia, professora do projeto *Todos na luta*. Deu continuidade as oficinas. Sua participação foi de extrema relevância, na medida em que suas turmas conseguiram agregar estudantes de várias faixas etárias, propiciando uma maior aprendizagem sobre as características do ambiente local (Figuras 11 e 12).



Figuras 11 e 12 – Horta Comunitária Vidigal/RJ Avenida Niemeyer, S/N , Vidigal/RJ
Fonte: Acervo pessoal (2023)



Figuras 13 – Horta Comunitária Vidigal/RJ - Avenida Niemeyer, S/N , Vidigal/RJ
Fonte: Acervo pessoal (2023)

Em abril de 2023, realizamos a implementação de um Bromeliário na Encosta do Vidigal, caracterizado pela presença de pedras. A escolha por utilizar bromélias nesse ambiente foi pautada em sua notável resistência e na baixa demanda de terra do local. Essas plantas são reconhecidas por sua habilidade de prosperar em condições adversas: sua capacidade de crescer em substratos rochosos as tornam particularmente adequadas para um espaço pedregoso. Essa escolha demonstrou um respeito pelas condições ecológicas locais (figura 13).

Durante os meses de agosto e setembro de 2023, adicionamos uma cerca de PVC ao espaço do Bromeliário, confeccionada a partir de materiais reciclados, que foram descartados no local. Essa cerca foi adornada com palavras-chaves, trazendo inúmeras reflexões a partir de um conjunto de dizeres. Nessa ação, contamos com a colaboração de José Antônio, Célia Coutinho, Cláudio Felipe, Pablo Munhoz e Danilo Silva, personagens fundamentais da comunidade. As palavras elaboradas em conjunto pelos participantes são um convite à contemplação e ao pensamento crítico, transformando o espaço em algo mais do que simplesmente um jardim. Foi nessa chave de mediação que fomos observando e coletando as necessidades do público, dando voz a diversas perspectivas, também reconhecendo o potencial de cada participante como um agente transformador.



Assim, a mágica do design social foi se materializando no espaço, também por meio do olhar empático como ferramenta de transformação.

Também foram desenvolvidas, paralelamente, escadas, construídas a partir de pneus encontrados na região (figura 14). Esse projeto foi idealizado pela necessidade de uma melhor acessibilidade ao local. Contamos como o auxílio do parceiro e morador José Antônio, que muito contribuiu para uma melhor qualificação do espaço. Essa decisão reflete um compromisso genuíno com a inclusão, tornando o ambiente mais acolhedor para todos.



Figuras 14 – Escada de pneus - Horta Comunitária Vidigal/RJ –
Avenida Niemeyer, S/N, Vidigal/RJ
Fonte: Acervo pessoal (2023)

Ressaltamos que todas essas fases foram desenvolvidas também a partir da articulação da ferramenta *mapa do usuário*, muito utilizada no *Design Thinking*¹ (Stickdorn e Schneider, 2014). Trata-se de uma etapa que diz respeito a interações com o usuário, servindo para compreender seu perfil, traçando roteiros e etapas de desenvolvimento na aplicação de projetos futuros. Nosso intuito, foi o de adicionar as perspectivas dos participantes acerca do projeto, compreendendo os ambientes que eles gostariam de ver modificados, além de suas identificações com temáticas como a do meio-

¹ Para mais, ver: <<https://rockcontent.com/br/blog/design-thinking/>> Acesso de Outubro de 2023.



ambiente, sustentabilidade e design. Assim, foram utilizadas as seguintes perguntas como meios de coleta de informação:

- Nome, endereço
- Ocupação, idade
- Qual é a importância de um ambiente cuidado?
- Que espaço gostaria de ressignificar em sua casa?
- Qual plantas deseja cultivar?
- O que você entende por *Design biofílico*? O que você acha sobre um projeto que almeja uma ressignificação de espaços na comunidade do Vidigal?

Durante as entrevistas, ouvimos diversas vozes da comunidade, incluindo a coordenadora da *Ong Horizonte*, além dos participantes do projeto *Horta em casa* e do *Comunidade Recicla*. Dos trinta entrevistados, todos ressaltaram a importância do meio-ambiente, compreendendo o aspecto positivo de uma integração entre o ambiente construído e o ambiente natural. A grande maioria dos entrevistados afirmaram encontrar nesse tipo de intervenção um tipo de “luxo”, que muitas vezes os moradores de comunidades não conseguem obter em suas residências, seja pela demanda de tempo exigida ou pela falta de recursos para a viabilização.

Das etapas desenvolvidas ao longo destes anos na comunidade do Vidigal, afirmamos que mais do que encontrar soluções definitas, vimos a necessidade de continuar realizando intervenções nesse espaço a partir de ações que ativem processos de transformação e de conscientização local. Ressaltamos o intuito de seguir acionando agenciamentos micropolíticos a territórios escassos como esse, propiciando uma valorização da vida, a partir de um olhar sobre o território e uma integração com a natureza.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Espaço e lugar* (1983), Tuan Yi-Fu fala sobre as experiências de apropriação do território, a partir da criação de circuitos de afeto. Tomando como referência o dia a dia,



o autor defende como campos de ação podem gerar diferentes sensações às pessoas, dando-lhes noções de identidade e pertencimento. Dessas diretrizes, concluímos que as paisagens geradas ao longo deste percurso pelo Vidigal se transformaram em espaços pedagógicos (Figura 15).

Vimos, após um conjunto de ações, os ambientes se transformarem em áreas destinadas ao cultivo de alimentos e à fomentação de interações sociais: trata-se de locais que passaram a englobar novos elementos e serviços aos sujeitos a partir de atividades participativas relacionadas ao plantio, colheita e irrigação.

Essa é a importância de dar oportunidades a indivíduos oriundos da comunidade: também vimos nesse percurso, eles ganharem autonomia, apreendendo sobre o próprio território, agenciando novos e outros projetos na vizinhança, ressignificando diversos espaços ociosos.



Figura 15 – Horta Comunitária Vidigal/RJ. Visita dos alunos do *Instituto Todos na luta*
Fonte: Acervo pessoal (2023)



IV COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTE

arte, design,
(re)invenção política
e transformação social

13 a 16 de novembro de 2023



Ressaltamos, por fim, que há muito a avançar. Este é um trabalho lento e demorado, que depende do engajamento da população, mas os resultados micropolíticos que visualizamos ao longo deste tempo, demonstraram um grande potencial de transformação.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

COUTO, Rita. O design social na PUC-Rio. In: OLIVEIRA, Alfredo Jefferson de; FRANZATO, Carlo; DEL GAUDIO, Chiara. **Eco visões projetuais**: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil. 1 ed. São Paulo: Blücher., 2017.

GEHL, Jan. **Cidades Para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

KELLERT, Stephen; CALABRESE, Elizabeth. **A prática do Design Biofílico**. 2015. Disponível em https://biophilicdesign.umn.edu/sites/biophilic-net-positive.umn.edu/files/2021-09/2015_Kellert%20_The_Practice_of_Biophilic_Design.pdf

KRENAK, Ailton; CARELLI, Rita. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

LATOIR, Bruno. **Diante de Gaia**: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo: Ubu, 2020.

MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade**, VOLUME 1. Produção Coppe/UFRJ Editora E-papers - RJ, 2008.

PAPANÉK, Victor, **Diseñar para el mundo real**: ecología humana y cambio social. Barcelona: Polén Editions, 2014.

PERNES, Fernanda, **Design de serviços para inovação social e sustentabilidade**: um estudo sobre as hortas comunitárias no Rio de Janeiro. Dissertação apresentada no Mestrado em Design, PUC-Rio, 2019. Disponível em < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46572/46572.PDF> > Acesso em 17/08/2023.

SOUZA, Paulo Fernandes de Almeida. **Design para inovação social**: perspectivas metodológicas e casos relevantes. Bahia: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2021.

WILSON, Edward o. **Biofilia**, Cambridge: Harvard University Press, 1984.

YI-FU, Tuan, **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Editora Difel, 1983.